



ONDA

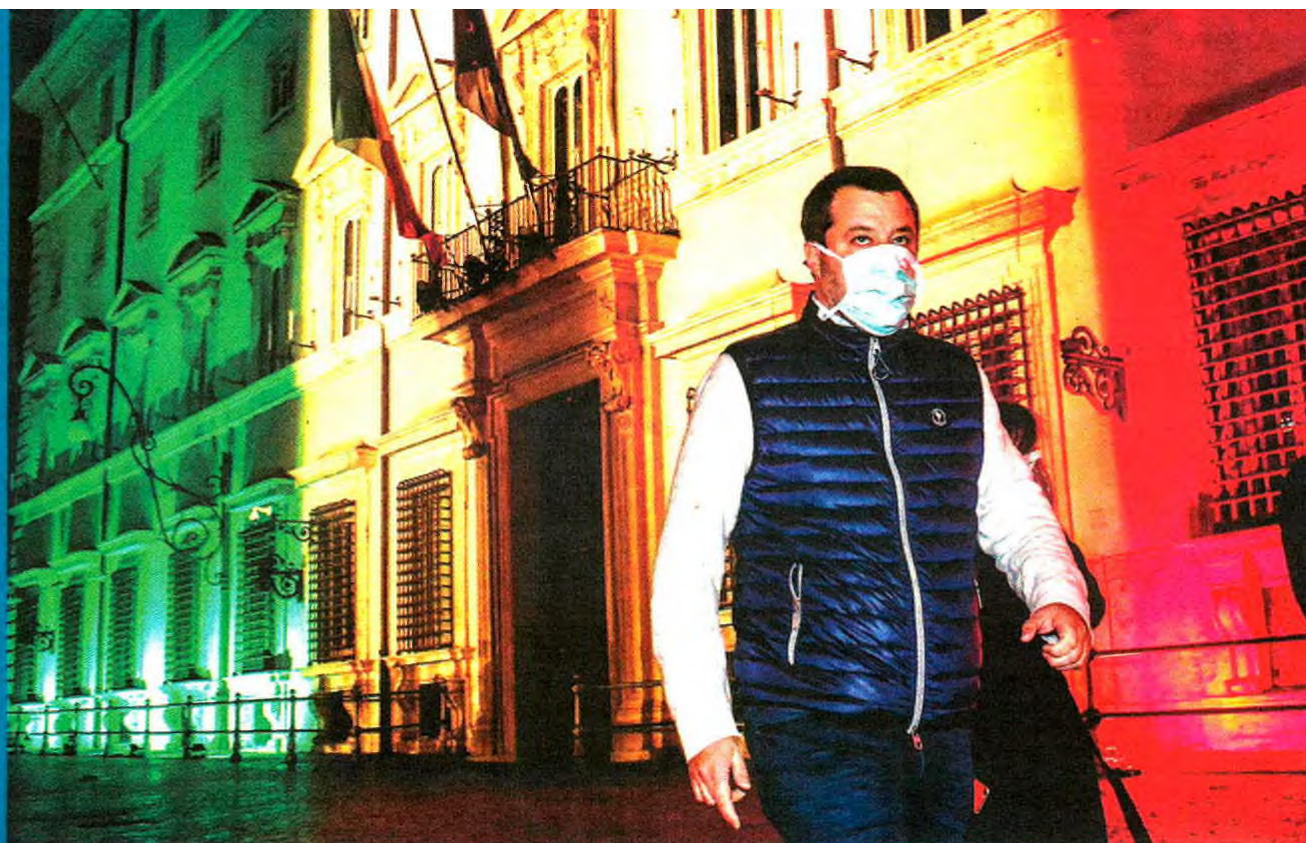
PETIÇÕES

À Holanda

Uma petição exige ao Governo holandês solidariedade no combate à pandemia e crítica a rejeição de "um instrumento de dívida comum para responder às consequências financeiras da crise". Com 684 assinaturas ontem, contesta o ministro das Finanças, Wopke Hoekstra, que "pediu à Comissão Europeia que investigasse por que países como Espanha ou Itália não criaram 'tampões' nos últimos anos para enfrentar a atual crise".

Aos estados e à UE

Um apelo alemão-italiano aos estados-membros e às instituições da UE diz que o bloco enfrenta "um desafio sem precedentes" e que, em países como a Itália, é "a pior crise económica desde a II Guerra Mundial". Já com 16 298 assinaturas ontem, salienta: "Temos que provar que somos uma comunidade de valores" e "é altura de tomar medidas conjuntas corajosas".



Pandemia aproxima fogo do rastilho do populismo

Falta de resposta da União Europeia e de solidariedade está a alimentar o euroceticismo. Partidos de extrema-direita podem subir se governos falharem

Alfredo Maia

amaia@jn.pt

NACIONALISMOS A falta de resposta coletiva da Europa e o risco de os governos de países mais atingidos pela Covid-19 não conterem os efeitos da pandemia na saúde e na economia somam descrença à crise de credibilidade da União Europeia (UE) e podem fazer alastrar o vírus do populismo.

"Sim, há um rastilho" para o populismo, "não só no Norte e no Centro da Europa, mas também no Sul", adverte a investigadora Cátia Míriam Costa, do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-Instituto Universitário, ouvida pelo JN. "O risco é evidente. Os instintos nacionalistas em Itália, mas também em Espanha e em todo o lado, serão muito mais fortes se a Europa não estiver à altura", avisou o primeiro-ministro italiano, Giuseppe Conte, ao diário espanhol "El País", criticando a "timidez" das medidas da UE e a oposição da Holanda, Áustria, Finlândia e Alemanha à emissão de títulos de dívida comuns.

"Se a hecatombe for grande e Espanha não for ajudada" e "se o Governo cair, o Vox (extrema-direita) vai subir muito. Será muito mau para a Europa, como se vê na Hungria e na Polónia, com regimes mais muscudados e antidemocráticos", nota Cátia Costa.

Consultor de empresas, Josep-

-Maria Gascon não quer antecipar um castigo eleitoral em Espanha, porque identifica "uma posição generalizada de apoio e solidariedade institucional" interna. A prioridade é conter a "situação dramaticamente triste".

A perda de vidas, soma-se a de empregos. Só em março, cerca de 834 mil, salienta ao JN, defendendo um "plano Marshall" que ajude Espanha a financiar a economia, "numa frente comum, coletiva e solidária de toda a Europa".

ALIMENTO DE EXTREMISMO

A falta de solidariedade europeia "alimenta extremismos", alerta Cátia Costa, apontando esse risco "também em Itália". Francesca Cavallo, escritora e empresária italiana, crê por ora que está afastado. "As pessoas confiam no Governo, que tomou medidas para protegê-los, e Conte goza de grande popularidade", diz ao JN.

"Tivemos imensa sorte por o partido de Matteo Salvini (Liga) não ter conseguido tomar o poder no Verão. Tê-lo a gerir esta crise seria catastrófico - como nos países com líderes populistas como Trump ou Bolsonaro".

"Espero que os italianos (e em todo o mundo) se lembrem disso em próximas eleições e percebam que o voto de raiva é compreensível, mas pode voltar-se contra eles quando surgir uma crise", salienta.

Numa sondagem recente, 72%



Ter o líder da extrema-direita italiana "a gerir esta crise seria catastrófico", alerta Francesca Cavallo, dando graças ao facto de Matteo Salvini não ter chegado ao poder em agosto

Formação superior cede ao discurso simplista

Partidos populistas repletos de pessoas qualificadas

dos inquiridos italianos criticam a timidez da UE e 77% dizem que a relação do país com a Europa não o beneficia. Noutra, 59% dos dez mil entrevistados em oito países consideram que a União deve atuar de forma mais coesa.

"Este é o momento de provarmos uma maior ambição, unidade e coragem", publicou Conte no italiano "La Repubblica". "A solidariedade deve ser a tinta com que escrevemos esta página da História", venceu. "A falta de solidariedade é um perigo mortal" para a UE, acrescentou o anterior presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker.

A sucessora, Ursula von der Leyen, respondeu-lhe, citando Jean Monnet, primeiro presidente da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), precursora da UE: "A Europa reforçou-se nas crises". E juntou palavras suas: "Estou convencida de que a Europa sairá mais forte desta crise".

"Quando a CECA - e depois a Comunidade Económica Europeia - foi fundada, a Europa fazia a sua própria agenda", observa Cátia Costa. Agora, a UE "não tem capacidade para impor a sua agenda internacional. Em crises como esta - como nas dos refugiados - não está preparada para responder-lhes".

"Não houve sequer a noção de que a pandemia chegaria à Europa e não se preparou minimamente para esta situação", nem para "uma solução comum", o que contribui para aumentar a "grande descon-fiança" nas instituições.

DOLOROSA FALTA DE EMPATIA

Para Josep-Maria Gascon, a "UE está perante a sua grande oportunidade de recuperar o espírito original", após "muitos anos de um certo descontentamento popular com as instituições europeias e a sua liderança fraca".

"Há um risco muito tangível" de aumento do populismo. "Mesmo pessoas que apoiam o projeto europeu tornaram-se eurocéticas", acrescenta Francesca Cavallo.

Explica o consultor que a "cada dia sem acordo são vidas de cidadãos perdidas". Ao que a escritora acrescenta: "É incrivelmente doloroso ver tão flagrante falta de empatia".

QUALIFICAÇÕES A descrença nas instituições e mesmo a adesão ao discurso e aos movimentos populistas deixaram de ser exclusivo das classes iletradas. "Cada vez há mais gente de formação média/superior a aderir a este tipo de ideias", observa a investigadora Cátia Miriam Costa.

"Nestas conjunturas, essas pessoas desenvolvem mais resistência e criticismo em relação às instituições, porque ombreiam com as pessoas que estão lá dentro". Isto é, com o aumento da escolarização, "o distanciamento entre elas encurtou. Como não estão em cargos, referem-se a 'eles', aos 'outros', o 'inimigo' que falhou". A culpabilização "é uma característica do populismo". Há gerações que já "receberam o sistema como ele está, criticam os 'aspectos negativos da democracia' e questionam as instituições".

É certo que "são mais escolarizadas, mais educadas, mas não são necessariamente mais politizadas e mais conscientes", ressalva Cátia Costa. Por exemplo, "mesmo pessoas com formação superior, universitários, partilham nas redes sociais notícias do passado como se se referissem a factos atuais, manipulando".

COM CONHECIMENTO?

"Os partidos populistas estão repletos de pessoas muito qualificadas", concorda o consultor Josep-Maria Gascon. Mas, questiona, "com a especialização do conhecimento, que significa estar no espetro das 'pessoas mais qualificadas'?"

"Um especialista em física quântica é alguém muito qualificado, mas isso não o predispõe a acompanhar os mecanismos de funcionamento da União Europeia melhor do que um cidadão com menos estudos".

Os populismos "baseiam-se no simplismo concetual e nesse simplismo devemos procurar grande parte do seu êxito", reflete. "A mensagem com que fica o cidadão é que a UE é um clube de estados, em que alguns, os mais ricos, decidiram não aceitar as reclamações dos outros, os mais pobres (e mais afetados pelo vírus), de modo que questionam a própria existência do clube".

Josep-Maria Gascon

Consultor de negócios catalão



"A riqueza da Europa do Norte sustenta-se em grande parte nas exportações para o Sul. A Europa do Norte é inviável com a Europa do Sul devastada"

Francesca Cavallo

Escritora e empresária italiana



A crise "projetará ainda mais a imagem da Europa como um exercício burocrático que tem pouco a ver com a vida do povo, que é o maior risco que corre"

Cátia Miriam Costa

Investigadora Estudos Internacionais



"Inevitavelmente vão ter de ser repensadas as relações dentro da UE e com outros países - a China e a Rússia têm-se destacado na ajuda a Itália e outros"